

**FÉ E DIVERSÃO:
DEVOÇÃO A ROSÁRIO
DOS PRETOS E OUTRAS
MANIFESTAÇÕES
CULTURAIS EM UMA
COMUNIDADE
QUILOMBOLA**

**FÉ Y DIVERSIÓN:
DEVOCIÓN A ROSARIO
DE LOS PRETOS Y
OTRAS
MANIFESTACIONES
CULTURALES EN UNA
COMUNIDAD
QUILOMBOLA**

Cledineia Carvalho Santos

Licenciada em Letras - UESB; Licenciada em História - UNEB. Especialista em Ensino de Língua Portuguesa - UESB; Mestre em Cultura e Sociedade - UFBA.

Fernando Conceição

Graduado em Jornalismo - UFBA; Mestre em Ciências da Comunicação - USP; Doutor Ciências da Comunicação – USP.

Resumo:

A partir de uma análise histórico-cultural o presente texto aborda a relação entre Cultura, identidade, fé, diversão e as subjetividades tecidas no imaginário social entre os sujeitos que compõem a comunidade quilombola no qual buscamos discutir as diversas manifestações religiosas e culturais quilombola. A comunidade, para além da diversão realimentam sua fé e fortalecem os laços de identidade. Nas festividades a comunidade misturam o sagrado e o profano sem que com isto maculem sua fé. Este trabalho é uma versão ligeiramente modificada de um tópico do segundo capítulo da dissertação de mestrado em Cultura e Sociedade " Comunidade quilombola Nova Esperança: a mulher na construção da identidade étnica ", defendida na Universidade Federal da Bahia.

Palavras-chave: Cultura. Devoção. Diversão. Comunidade Quilombola.

Resumen:

A partir de un análisis histórico-cultural el presente texto aborda la relación entre Cultura, identidad, fe, diversión y las subjetividades tejidas en el imaginario social entre los sujetos que componen la comunidad quilombola en la que buscamos discutir las diversas manifestaciones religiosas y culturales quilombola. La comunidad, además de la diversión realimentan su fe y fortalecen los lazos de identidad. En las festividades la comunidad mezclan lo sagrado y lo profano sin que con esto macule su fe. Este trabajo es una versión ligeramente modificada de un tópico del segundo capítulo de la disertación de maestría en Cultura y Sociedad "Comunidad quilombola Nueva Esperanza: la mujer en la construcción de la identidad étnica", defendida en la Universidad Federal de Bahía.

Palabras clave: Cultura; devoción; diversión; Comunidad Quilombola.

Introdução

Bendita e Louvado seja!
Ó virgem, Mãe verdadeira!
Proteja Nova Esperança, nossa Excelsa padroeira!
Proteja Nova Esperança, nossa excelsa padroeira!
Ó virgem Mãe do Rosário/
Vos peço como lembrança.
Peço a vós que não esqueça/ do Povo de Nova Esperança.
Peço a vós que não esqueça/ do Povo de Nova Esperança.

(Trecho do Hino a Nossa Senhora do Rosário por Senhorinha dos Santos, moradora da Comunidade Nova Esperança, 1980).

A cultura é o que nos torna o que somos a partir do lugar onde vivemos. Nele elaboramos um universo simbólico de nós na relação com os outros com os quais compartilhamos valores e crenças. Nesse sentido, a cultura deve ser entendida como uma complexa rede de relações sociais e identitárias.

Em se tratando dos aspectos culturais, as comunidades quilombolas se configuram como uma fonte de riqueza do Brasil. Segundo a Fundação Palmares “São espaços de preservação da história e onde se projetam a identidade étnica e a solidariedade mútua, valores já não tão observados na grande sociedade”¹. Por ser uma manifestação essencialmente humana, as pessoas de comunidades quilombolas festejam seu imaginário social, onde o sagrado e o profano se confundem.

Em Nova Esperança se festeja a vida a partir da devoção aos Santos da comunidade, os Dias Santos como o Natal, Dia de Reis, A Páscoa e O São Pedro e as festas individuais como o Caruru² de São Cosme e São Damião. É nas festas que os remanescentes desse território reelaboram suas memórias, quebram a rotina, confraternizam com os reencontros familiares e realimentam sua fé. São

¹ BRASIL. *Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003*. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm. Acesso em: 23 maio 2017.

² O caruru é uma comida típica da culinária baiana e muito utilizada pelos adeptos do candomblé. Embora haja divergências quanto a sua origem – que também possui influências da cultura indígena, representada por um tipo de planta que, inclusive, leva esse nome –, provavelmente foi trazido e adaptado no Brasil pelos africanos. Esses deram uma simbolização muito particular ao caruru, além de acrescentar outros ingredientes e valores que hoje se tornaram uma referência desse prato. O seu preparo é acompanhado dos seguintes ingredientes: quiabo cortado miúdo e cozido em caldo de peixe seco e temperado com sal, alho, cebola ralada, camarão seco e batido no pano, pimenta ralada quióio, castanha assada e moída, catassol torrado e azeite de dendê.

Os quiabos devem ser cortados em cruz no sentido longitudinal e depois, então, em rodinhas bem finas. Esse cuidado possui um cuidado mitológico, pois simboliza as origens e a história das ancestralidades africanas, representadas particularmente em cada prato típico. Também é importante o uso de utensílios rústicos, como panela de barro, gamela e colher de pau, peneira, entre outros, para preservar a originalidade de uma tradição que remota o passado.

Embora o caruru seja consumido no Brasil durante a semana santa, é no dia 27 de setembro que ele assume sua maior importância. Nesse dia, os devotos sincretizam Cosme e Damião nos orixás africanos, pagam promessas e oferecem o caruru para sete meninos. (SANTANA, Marise de. ODEERE: formação docente, linguagens visuais e legado africano no sudoeste baiano. Vitória da Conquista: edições UESB, 2014.)

também as manifestações culturais a oportunidade da “subversão” aos paradigmas cotidianos. Lá, comemora-se o existir.

Toda festa religiosa, todo Tempo litúrgico, representa a reatualização de um evento sagrado que teve lugar num passado mítico, nos “primórdios”. Participar religiosamente de uma festa implica a saída da duração temporal “ordinária” e a reintegração no Tempo mítico reatualizado pela própria festa ³.

Com isto, a comunidade busca através de suas manifestações, resistir no tempo e lugar enquanto testemunho vivo da resistência a escravidão, pois no período escravocrata “os escravos aproveitavam as celebrações do calendário cultural dos senhores para praticarem suas próprias tradições culturais, entre as quais a tradição, frequentemente reinventada, de se organizarem segundo a origem étnica”⁴

Nesse sentido, as origens das festas estão intimamente ligadas a eventos sagrados, econômicos e políticos do lugar. Sendo constantemente reinventado e atualizado como argumenta Roy Wagner “em certo sentido, a invenção não é absolutamente um processo inventivo, mas um processo de obviação”⁵

Nova Esperança é composta de um povo alegre, festeiro, também de fé. Nesse construto, a mulher não tem apenas a função da liderança política, material e do trabalho, a elas implicam também, a manutenção cultural, religiosa e espiritual.

São elas as responsáveis para organizar as festas da igreja, o Terno de Reis, os festejos juninos, desde a programação às comidas.

O catolicismo, religião predominante, está presente desde a época da fundação da comunidade por causa das devoções de Antônia Maria e Faustino dos Santos, os fundadores da comunidade. As festas à Santo Antônio (Mês de Junho) e para Nossa Senhora do Rosário (realizada em outubro) são dois grandes momentos da religiosidade local.

No que se refere os festejos à Nossa Senhora do Rosário, padroeira da comunidade, ocorre na última semana de outubro. A mesma é marcada pela devoção da maioria dos moradores que durante os dias de festa se agrupam na capela para louvar e adorar a Santa.

Nossa Senhora do Rosário tem importante representação para a identidade local posto que sua chegada se dá junto ao surgimento da comunidade. Segundo relatos dos moradores mais antigos e

³ ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes: 2008.

⁴ REIS, João José. *Identidade e Diversidade étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão*. Revista Tempo, Rio de Janeiro, vol. 2, n.º. 3, 1996.

⁵ WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. Trad. Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

herdeiros do fundador, a Santa foi trazida por Faustino dos Santos, conforme relata Getúlio dos Santos (2016):

Tinha festa na casa do meu avô todo sábado, ele rezava, era devoto nos termos a igreja hoje. A padroeira é a Nossa Senhora do Rosário, essa Nossa Senhora do Rosário (Imagem que se encontra na igreja) acompanhou ele. Eu sei que ele trouxe de lá de Sururu de Queiroz trouxe pra Lagoa do Morro e veio pra aqui e ela ta na igreja, apareceu uma Santa Nova, as meninas eu digo, olha se vê que vai jogar essa no mato me dá que eu levo lá pra casa (risos)! Aí agora tomaram zelo. Elas ciúmam, aí nós temos a devoção de Nossa Senhora do Rosário, tem a festa dela (Getúlio dos Santos, entrevista, 2016)

Em consonância, Florinda dos Santos diz: “Eu lembro que Ele (Faustino dos Santos) contava que Nossa Senhora do Rosário, era a Santa de devoção do pai dele porque era a padroeira dos negros (...)Ele dizia assim: Nossa Senhora do Rosário é a padroeira dos pretos! É a padroeira dos pretos!” (Florinda dos Santos, entrevista, 2017).



Quadro de Nossa Senhora do Rosário: **acervo da comunidade**. Registro da autora.

Apesar de as religiões de matrizes africanas resistirem ao processo opressor aos quais foi submetido, o catolicismo já havia se consagrado na memória coletiva do povo brasileiro, pois a mesma já existia no país antes da chegada dos africanos.

Assim, a devoção da comunidade à Nossa Senhora do Rosário, tem uma relação histórica com o passado do povo negro no Brasil, pois,

Antes mesmo que o primeiro escravo desembarcado no Brasil se rebelasse, os senhores e autoridades coloniais já sabiam ser necessário controlar seu corpo e seu espírito. O regime escravocrata, como todo regime de trabalho forçado, baseou-se fundamentalmente no chicote e em outras formas de coerção, mas não teria vigorado por muito tempo se só usasse a violência. Desde cedo os escravocratas aprenderam que era preciso combinar a força com a persuasão, assim como os escravos aprenderam ser impossível sobreviver apenas da acomodação ou da revolta.⁶

Este fato contribuiu para a catequização dos africanos que aqui aportaram como escravos. Um dos motivos para a aceitação do catolicismo foram os pontos em comuns como a subordinação ao um ser superior (no catolicismo é Deus) e a condenação ao suicídio, prática comum entre alguns povos como forma de resistência a opressão escravagista. Conforme pesquisadores, os bantos foram os que mais se adaptaram ao catolicismo representado pelas irmandades⁷.

A crença de que os santos eram os intercessores entre os homens e Deus colaborou para a devoção aos santos católicos por parte dos negros. Mas as irmandades (dos brancos) não aceitavam a participação dos pretos em seus cultos. Em resposta, os negros criaram sua própria irmandade (irmandades dos pretos) cujo intuito, era a cultuação aos seus santos e também como confraria política, nos quais organizam os sepultamentos e busca por compra de alforrias de seus entes queridos.

Em síntese, o louvor para os santos negros configura-se como sendo uma recriação da África no Brasil ao se perceberem sem “saída” para o catolicismo imposto. Ou melhor, uma estratégia para fugir da chibata. Assim, Nossa senhora do Rosário e outros santos negros foram substituindo os Orixás africanos. E os quilombolas se apegaram a Nossa Senhora do Rosário. Essa santa, provavelmente, foi escolhida pelo simbolismo da maternidade, misticismo presente nas religiões africanas.

Com isso, a devoção para Rosário dos pretos se afirmou, especialmente entre o povo negro, sendo levada para onde estes fossem e se perdura na contemporaneidade. Principalmente nas comunidades negras que de alguma maneira tem sua história ligada a escravidão e a resistência, como descreve a moradora de Nova Esperança.

Descobrimos no ano passado, quando escrevemos uma história de várias comunidades que tem como padroeira dos negros, descobrimos que todas elas são quilombolas. A primeira está em Salvador. Hoje nós reconhecemos que ela é padroeira dos negros e a gente não sabia o porquê. Mas hoje a gente entende. Nós somos quilombolas, povo que sofreu (Senhorinha dos Santos, entrevista, 2017).

Os devotos louvam outros Santos, mas Nossa Senhora do Rosário é a mãe merecendo toda honra e grande festejo, pois para a moradora “Nossa Senhora do Rosário é a nossa devoção. Além da

⁶ REIS, João José. *Identidade e Diversidade étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão*. Revista Tempo, Rio de Janeiro, vol. 2, n.º. 3, 1996.

⁷ QUINTÃO, Antônia Aparecida. *Irmandades negras: outro espaço de lutas e resistências*. São Paulo. Annablume. 2002. In: ALVES, Vânia de Fátima Noronha. *Os festejos do reinado de Nossa Senhora do Rosário em Belo Horizonte/ M.G: práticas simbólicas educativas*. Universidade de São Paulo. 2008.

fé, a gente tem que ter respeito a Nossa Senhora, por isso (por ser a padroeira dos pretos!)” (Florinda dos Santos, entrevista, 2017).

A festa acontece no mês de outubro com intensa participação da comunidade. São 11 dias de festa desde os tempos da fundação da comunidade, onde primeiro acontece na igreja a reza do terço, missa e louvores. Depois, já no espaço livre as pessoas aproveitam para conversar, comer, participar de sorteios, etc. A mesma é organizada pelas mulheres que se mobilizam de forma intensa para arrecadação de doações para a realização, como anuncia a devota Senhorinha dos Santos “A gente ajuda. Faz parte de toda celebração da missa” (Senhorinha dos Santos, entrevista, 2017).

Em Nova Esperança, a festa da padroeira local é uma oportunidade de regeneração no tempo presente de um passado que ainda persiste na memória sempre imbuída para um novo tempo de viver humanamente, historicamente e sociologicamente. Ou seja, a religião é para o povo negro explicação para além da existência.

Apesar da religião protestante⁸ começar a se difundir entre os membros da comunidade possuindo muitos adeptos, o catolicismo ainda é muito presente, visto que, entre outras manifestações destaca-se a celebração da Semana Santa, momento que vivem os mistérios dolorosos de Jesus Cristo.

Nestes dias, as imagens dos santos são cobertas por panos, como manda a tradição local. Eles jejuam e se reúnem na igreja para rezar em respeito a morte de Cristo. Na sexta-feira dessa semana, porém, há muita fartura nas mesas cujo cardápio principal é o peixe e o caruru de taioba. Já no sábado, comemoram o “Aleluia”, a ressurreição de Cristo. Tem moradores que guardam especialmente este dia por “ser o verdadeiro dia de devoção porque foi o dia que Nosso Senhor Jesus Cristo ressuscitou. Então a gente guarda sem comer carne vermelha. Veio de nossos avós e a gente preserva até hoje”. (Otavio dos Santos, entrevista, 2017).

Além da festa da padroeira, a comunidade celebra também a festa para Santo Antônio, santo de devoção da matriarca Antônia Maria de Jesus. Esta, quando em vida, todos os anos, no mês de junho acontecia a trezena de Santo Antônio na sua casa onde se terminava com uma grande festa em homenagem ao santo. Com o passar dos anos os festejos passaram a acontecer na capela da comunidade.

Os festejos para Santo Antônio se configuram para os descendentes da fundadora como um mito de fé que os movem, pois Antônia Maria era muita religiosa e deixou esse legado para os seus.

⁸ São todas as representações do cristianismo fora do catolicismo. “Então, protestantes seriam aquelas igrejas que se originaram da Reforma que, embora surgidas posteriormente, guardam os princípios gerais do movimento. Essas igrejas compõem a grande família da Reforma: luteranas, presbiterianas, metodistas, congregacionais e batistas”. (MENDONÇA. Antônio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 48-67, setembro/novembro 2005).

A celebração a Santo Antônio, portanto, faz brotar e rebrotar memórias em conjunção entre passado e presente, “Dindinha Antônia era muito reservada. Se cobria toda para rezar. Todo domingo sentava na frente do rádio para escutar e seguir a missa. Andava toda coberta. Ainda hoje nós queremos seguir o seu jeito. Fazer tudo como ela gostava” rememora (Florinda dos Santos, entrevista, 2017).

Os festejos para o Santo antecedem outro momento importante para os moradores, a folia de São Pedro. A proximidade de realização entre os dois folguedos contribui para uma íntima relação entre o sagrado e profano, pois em clima de festa, todos os dias depois da reza na igreja, os moradores se reúnem em uma grande cabana de palha que eles constroem para dançar ao som do forró e do arrocha.

Sobre a fusão entre o profano e o sagrado sabemos que

No contato com as tradições populares, o catolicismo foi-se transformando e assumindo os códigos, as metáforas e a linguagem popular. Dor, alegria, esperança, anseios e festas foram compondo o dia-a-dia das expressões religiosas populares. Numa explosão de vozes e ritmos, a devoção popular acompanha o povo no itinerário da vida. Os sinais festivos espalham, enchem capelas e ruas.⁹

Importante dizer que há uma intensa participação dos idosos na festa. Tanto é que bancos são montados dentro do espaço a fim de acomodá-los. Os mesmos dançam, brincam, bebem numa relação cordial entre gerações.

Este encontro entre gerações serve como remodelagem dos espaços e das relações em momentos de comunhão para o qual a história local é recriada pela oralidade, resistindo ao tempo. Os mais velhos primam pela tradição, os mais jovens celebram os reencontros e colaboram para permanecê-lo.

Há uns emaranhados de relações profundas de celebração com as reminiscências do passado já que “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos”¹⁰.

A religiosidade é uma característica marcante da comunidade. A Festa de Reis representa a hibridização cultural absorvida pelo povo negro caracterizado pela relação entre festas e celebração religiosa, reinventada no catolicismo popular apontada como “poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de culturas, mais apropriada à modernidade tardia que às velhas e contestadas identidades do passado”.¹¹

⁹ PASSOS, Mauro. *Religião, Festa e Sociedade*. Revista Horizonte, Belo Horizonte, v. 9, n. 20, p.6-8, jan./mar. 2011.

¹⁰ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Edições Vértice. São Paulo, SP. Brasil. 1990.

¹¹ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. trad. Tomás Tadeu da silva, Guacira Lopes louro. 10. Ed. , rio de janeiro: Dp&A, 2005.

O Terno de Nova Esperança é composto de ritos, dogmas e cerimônias em torno dos festejos em homenagem aos reis Magos e apresentam-se como símbolo de resistência da cultura e oralidade de um povo que mantém nos seus lábios toda uma sabedoria, toda uma vivência, e todo um amor pela religiosidade que é cantado por crianças, jovem e idoso todos os anos no mês de janeiro, quando os presépios natalinos são desmontados e a comunidade vai agradecer.



Imagens da Festa de Reis: acervo da comunidade

Com isso observa-se a relação íntima entre os rituais católicos e o sincretismo religioso, pois a festa dá continuidade com as visitas de casa em casa e aquela que “aceita” a chegada do terno festeja com bebidas e guloseimas típicas do lugar.

O terno de Reis de Nova Esperança surge concomitantemente com a chegada do desbravador do lugar, o Sr. Faustino, que apesar de muito religioso, gostava de festa. Então, o Terno de Reis passou a ser a extensão dos ritos religiosos no intuito de entreter os foliões por mais tempo na festa até o raiar do dia e que permanece até os dias atuais. Esse festejo presente na comunidade, têm “ênfase nas origens, nas continuidades, na tradição e nas intemporalidades...”¹²

Os integrantes do terno saem em visita com suas indumentárias e tocando instrumentos artesanais, como tambores, pandeiros e sanfonas, que seguido por todos vão até as casas com o Presépio onde pedem licença para entrar. O dono da casa permanece com as portas da casa fechada só abrindo após os sambadores cantarem entre duas e três cantigas. Quando a casa abre as portas acontece a representação da alegria com muitas comidas e bebidas típicas seguida de muitos sambas. É possível perceber esta mistura no relato de um morador

O terno de reis prá nós é uma apresentação da religião herdada de nosso avô. Todo ano depois das festa ... a missa , sempre terminava com o terno de reis. Hoje os “jove” não quer participar. Diz ser coisa de velho. Eu gosto muito. Gosto de festa. Sempre gostei de dançar. To nessa

¹² HALL, 2005, p. 32.

idade e todo ano to aqui. Hoje ficou uma coisa importante para o lugar. Depois que aqui virou quilombola (Getúlio dos Santos, entrevista, 2016).

Nota-se na fala do depoente, o sentimento de perda de entusiasmo dos jovens para dar seguimento à cultura herdada de seus ancestrais. Esta preocupação tem certa razão de ser posto que sejam poucos os jovens que mostram interesse em pegar os instrumentos ou “puxar” um samba; outro possível fator é a saída destes para a cidade grande em busca de melhores condições de trabalho e educação.

O terno é composto por parentes, amigos, geralmente pelas pessoas mais velhas, mas não impede ninguém que queira participar de integrar-se ao grupo.

As indumentárias idealizam a visão do sagrado com a bandeira que representa a Trindade e atualmente outro estandarte foi incluso no conjunto, a bandeira do “Quilombo” o que representa a afirmação da identidade e que Wagner (2010) vai chamar de Cultura inventiva ao argumentar:

(A cultura) ... Opera através de nossos formulários, cria em nossos termos, pede emprestados nossas palavras e conceitos para seus significados e nos recria através dos nossos esforços. (...) Se a nossa cultura é criativo, então as "culturas" estudamos, como exemplos desse fenômeno dos outros, também deve ser. Para cada vez que fazemos a outra parte de uma "realidade" que só nós inventamos, negando a sua criatividade.¹³

As indumentárias também têm significados no qual cada cor tem uma representatividade seja no campo do sagrado ou da cultura local. As roupas, as comidas colaboram para a afirmação da identidade quilombola que reproduzem crescendo significados de acordo o que desejam que o outro veja e saiba da comunidade no intuito de se manter frente às novas perspectivas de políticas culturais da contemporaneidade, o que pode ser evidenciado na entrevista concedida por Getúlio dos Santos (2016) “Olha, eu acho que aos poucos, depois que aqui foi conhecido como comunidade quilombola, o terno de reis reviveu. Faz parte da nossa cultura né? A escola já colocou como atividade da escola. Na semana da consciência negra tem apresentação mirim. Eu mesmo acho isso importante”.

Após ter sido reconhecido como local de quilombos, o Terno de Reis tomou uma dimensão mais consciente e, portanto, é manipulável de acordo o querem dizer e visibilizar sobre o lugar.

Breves considerações

Diante do apresentado, o papel das mulheres de Nova Esperança nas manifestações religiosas e culturais é indispensável para a permanência das atividades. Visto que os sujeitos que compõem um grupo são os atores que se reconhecem etnicamente e como tais compõem os caminhos do lugar, pois

¹³ WAGNER, 2010, p. 16.

“Os grupos étnicos são categorias descritivas e de identificação, que são utilizadas pelos próprios atores e têm, portanto, a característica de organizar a interação entre os indivíduos”¹⁴

Nesse caso, é delas a missão de trazer as crianças para a “recriação cultural” através da dinâmica para o autorreconhecimento identitário e de sentimento de pertença.

A mulher atua como espécie de guardiã das tradições. Através de suas mãos, práticas culturais locais são protegidas. Elas são, portanto, de fundamental importância para a manutenção da identidade quilombola.

Referências

BARTH. Fredrik. *O guru. O iniciador e outras variações antropológicas* - Fredrik Buth. Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra C'P' Livraria. 2000.

BRASIL. *Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003*. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm . Acesso em: 23 de maio de 2017.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes: 2008.

PASSOS. Mauro. *Religião, Festa e Sociedade*. Revista Horizonte, Belo Horizonte, v. 9, n. 20, p.6-8, jan./mar. 2011.

QUINTÃO. Antônia Aparecida. *Irmandades negras: outro espaço de lutas e resistências*. São Paulo. Annablume. 2002. In: ALVES. Vânia de Fátima Noronha. *Os festejos do reinado de Nossa Senhora do Rosário em Belo Horizonte/ M.G: práticas simbólicas educativas*. Universidade de São Paulo. 2008.

REIS. João José. *Identidade e Diversidade étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão*. Revista Tempo, Rio de Janeiro, vol. 2, nº. 3, 1996.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Edições Vértice. São Paulo, SP. Brasil. 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*; trad. Tomas Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 10. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. Trad. Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

¹⁴ BARTH. Fredrik. *O guru. O iniciador e outras variações antropológicas*. - Fredrik Buth. Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra C'P' Livraria. 2000.

Lista de entrevistados, fontes orais.

Getúlio dos Santos, morador mais antigo da comunidade, neto do fundador.

Otávio José dos Santos, morador da comunidade, bisneto fundador da comunidade.

Florinda dos Santos, moradora da comunidade.

Senhorinha Rosa dos Santos, moradora da comunidade, bisneta do fundador da comunidade.